

### **(Plano do) conteúdo musical**

*Diocleyr Baulé Junior (USP)*

A questão do que pode ou não pode a música expressar sempre interessou um sem número de pensadores. Nesta reflexão, as considerações e citações que seguem percorrem um caminho ideológico desde a noção de Hjelmslev de não-linguagem até a noção de semioses intrínseca e extrínseca comum na escola de análise musicológica anglo-americana (Agawu). Perguntamo-nos se os princípios saussurianos: definição negativa do signo, arbitrariedade, linearidade do significante, noção de, de valor, encontram sua aplicabilidade na música, ou nos sistemas musicais, nas hierarquias sonoras presentes nas culturas humanas; seria possível semântica musical?

Começamos por Hanlick e sua ideia de música absoluta, incapaz de comunicar conteúdos extramusicais, cuja beleza habita na estrutura; incapacidade esta, que pode ser vista à luz da teoria semiótica como não linguagem ou linguagem monoplanas hjelmslevianas. Em *Semiotique du Corps*, Jacques Fontanille considera semantismos intrínsecos ao plano de expressão. Tentamos aqui observar estas concepções extremas e verificar que sorte de alongamento teórico que a música provoca nas ciências da linguagem. A musicologia nascida no século XIX tanto concentrou-se no estudo da sintaxe musical e na análise formal, que mereceu ser caricaturada como autista, portadora da síndrome de Asperger; em resposta a esta concepção “autista” a “nova musicologia” dos analistas da corrente de anglo-saxã, a partir da própria análise formal propõem o estudo do gesto, das tópicas, detectando conteúdos expressivos e reconhecendo que a música pode (deve) ser estudada das duas maneiras, tanto em sua semiose intrínseca quanto nas suas múltiplas possibilidades de acoplagem com outras linguagens gerando sentido extrínseco.

baule3@gmail.com

### **Restrições entre timbre e outros parâmetros sonoros enquanto variantes solidárias do uso**

*Lucas Takeo Shimoda (USP)*

É recorrente a afirmação de que o inventário de timbres é aberto e de que, por esse motivo, seria impossível esgotar sua análise. Essa ideia se manifesta mais concretamente na assunção de que uma mesma linha melódica (invariante) pode receber qualquer revestimento tímbrico (variável) sem perder sua identidade. Tomando por base a oposição conceitual “esquema vs. uso” conforme proposta por L. Hjelmslev e corrente na semiótica francesa, o presente trabalho pretende argumentar que, enquanto variante solidária do uso, o timbre opera uma seleção dos parâmetros sonoros altura, duração e intensidade, ao passo que esses últimos contraem relação de combinação entre si. O material de análise é extraído do testemunho escrito da práxis musical registrado em tratados de orquestração e instrumentação. As descrições presentes nesse tipo de obra registram as diversas possibilidades e restrições combinatórias entre timbre, altura, duração e intensidade

latentes na prática do arranjador e do orquestrador. Esses dados servirão de evidência para o argumento de que o entrelaçamento entre essas categorias transforma o universo de timbres em um conjunto parcialmente fechado e assimétrico. As restrições impostas pelo uso controlam e limitam o número em princípio infinito de manifestações. Os resultados parciais serão interpretados à luz dos regimes da implicação e da concessão, conforme desenvolvidos no ponto de vista tensivo da semiótica por Claude Zilberberg e Jacques Fontanille. Essa hipótese pode ser corroborada por evidências suplementares encontradas tanto no âmbito das línguas naturais quanto no discurso. No primeiro domínio, a classe aberta do léxico e o fenômeno conhecido como *semantic gap* oferecem modelos de comparação. No segundo domínio, os conceitos de práxis enunciativa e a noção de taxinomia conotativa conforme presente em *Semiótica da Paixões* (GREIMAS&FONTANILLE, 1991) são convocados para corroborar a pertinência discursiva da abordagem do timbre aqui proposta.

lucas.shimoda@yahoo.de

### **Análise semiótica de "Triste Margarida", de Adoniran Barbosa**

*Carlos Vinicius Veneziani dos Santos (USP)*

A apresentação versa sobre a canção *Triste margarida*, do segundo LP de carreira de Adoniran Barbosa, lançado em 1975. A análise foi realizada utilizando os recursos da semiótica da canção, com base nos diagramas e nos procedimentos fundamentados por Luiz Tatit e Ivã Carlos Lopes na obra *Elos de melodia e letra*. A canção tem a figurativização como modelo dominante de compatibilidade entre melodia e letra, com trechos em que os recortes entoativos da fala cotidiana aparecem de forma muito clara. Os tonemas interrogativos, afirmativos e de suspensão evidenciam-se nas frases melódicas da linha de voz, em coerência com os conteúdos enunciados. No plano narrativo, a relação entre o sujeito-enunciador e seu objeto de afeição é marcada pela mentira revelada e pela decepção. A disjunção entre sujeito e objeto – correlata à presença recessiva do modelo da passionalização – é consequência da quebra de um contrato fiduciário que pressupunha uma relação de confiança. Por outro lado, a mentira é provocada pela ação sobre o sujeito de um simulacro de destinador produzido com as características da pessoa amada projetadas por ele a partir de sua visão de mundo. A rejeição da pessoa amada encaminha o sujeito para um processo de sanção negativa, que recai sobre outra sanção, realizada anteriormente por ela e determinante para sua recusa e afastamento.

vinivs@gmail.com